



Director literario:

*Agapito*  
 PAPIM

SUPLEMENTO "INFANTIL" DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Idunvalle*  
 RAPUSSE

# EMBRIAGUEZ MUSICAL



Agapito Saxotone  
 Passava os dias tocando  
 No seu enorme trombone;  
 Sem direito incomodando  
 O seu vizinho Talone.



Mas Talone, que era fino  
 Como o mais fino coral,  
 Resolve a tal desatino  
 Ir pôr um ponto final  
 E castigar o mofino.



Para tal, Talone esperto  
 Faz um buraco no chão,  
 Pois o terrível concerto  
 Partia do rez-do-chão  
 O pavimento mais perto.



Sóbre a campânula em cone,  
 Do tocador demoníaco,  
 O espertalhão do Talone  
 Deita um frasco de amoniaco,  
 Que, entrando pelo trombone,



Sobe ás trombas de Agapito,  
 Pelo nariz pela boca,  
 O qual deveras afficto,  
 Já não sopra, já não toca;  
 —«Mas que elixir tão maldito!»—

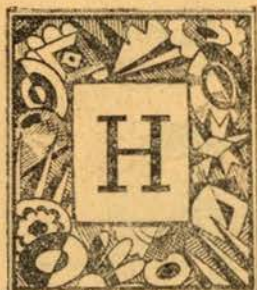


Do buraquito através,  
 Ri Talone à gargalhada,  
 Vendo-o curado de vez  
 Daquela forte e exaltada  
 Musical embriaguez!



# Um moleiro esperto

Por Leonel Rosado Viegas  
 :: Desenhos de Tiotónio ::



AVIA há muito tempo um rei, muito amigo de se divertir e que tinha uma filha linda como as que o são. Chamava-se a princesa Ester e, como era muito bonita e generosa, tinha muitos pretendentes dos mais nobres da corte.

O rei, como queria para seu genro um homem como ele, que soubesse agradecer aos seus súditos pela forma de governar, impôs aos pretendentes uma condição que seria rasolverem dentro de três dias um problema, mandou-os chamar à corte e falou-lhes assim:

— Quem quiser casar com a princesa Ester, minha filha, responda-me dentro três dias à seguinte pergunta: — «Qual é a cor de um burro quando foge?»

Toda a corte se retirou cabisbaixa por não saber que responder.

Chegou enfim o dia marcado e toda a corte se reuniu.

Entre os concorrentes apareceu um moleiro que fornecia o rei.

O rei começou:

— Vamos então a ver, quem adivinhou a minha charada?

Apenas se levantaram duas pessoas; o moleiro e o visconde Claudio, principal favorito da princesa, o qual foi o primeiro interrogado.

— Diga lá então caro Claudio de sua justiça de que cor é então o burro?

Claudio, rapaz louro e forte e o melhor espadachim de toda a corte, respondeu com firmeza:

— Saiba V. Magestade que a cor de um burro quando foge é amarela, porque se o burro foge é porque está desesperado e eu sempre ouvi dizer, que o amarelo é desespero...

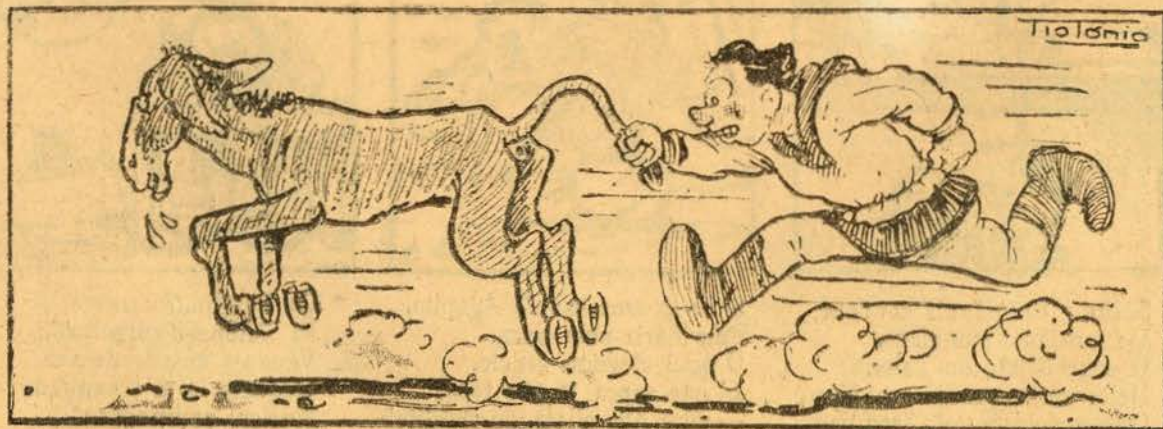
O rei escutou atento, pensou e disse:

— Vamos a ver tu Delmar, e apontou o moleiro.

Este, levantou-se e disse:

— Tenho a dizer a V. Magestade que a cor de um burro quando foge é a mesma de quando está parado!...

— Ora aí está a resposta que eu queria! —



disse o rei levantando-se, mas como não pertences á nobresa da minha côrte e como impuz uma lei: que fidalgo só pode casar com fidalgo, não te dou minha filha, mas dinheiro suficiente para passares a velhice descansado; e dizendo isto mandou-o embora dando-lhe tudo quanto este julgou necessário. Sabe-se que vendeu o moinho e nunca mais trabalhou.

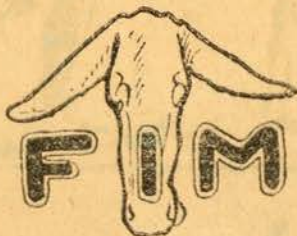
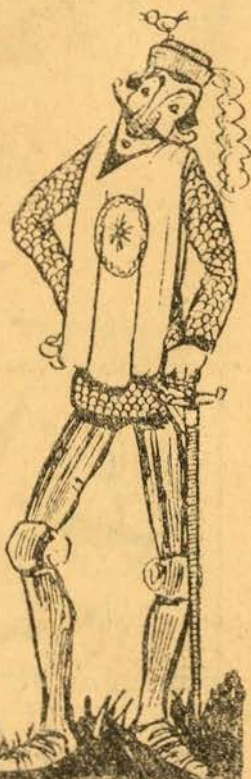
O rei levantou-se e disse aos restantes.

—Visto nenhum ter adivinhado a minha charada hoje mesmo se realiza um torneio de espada, para escolher o noivo da minha filha.

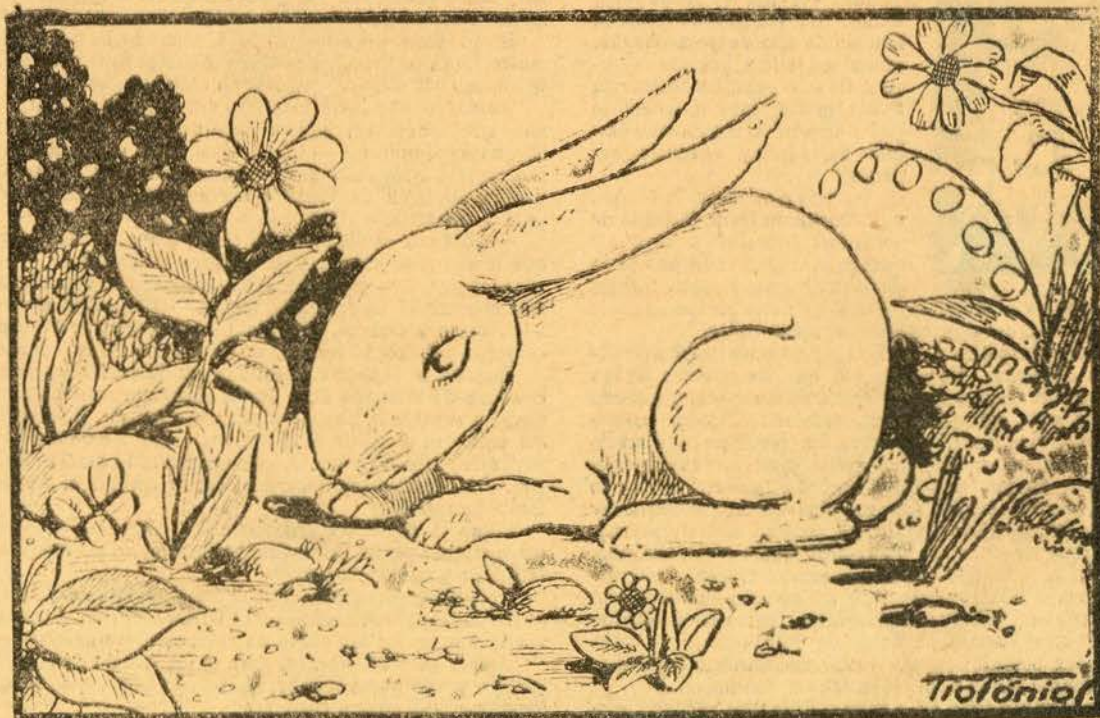
Nessa mesma tarde viam-se no pateo do palacio todas as damas da côrte entre as quais realçava a belesa de Ester.

Começou o torneio sendo ganho por Claudio o que já todos esperavam.

Casou com a princesa sendo muito felizes e agradando a todos os seus subditos a maneira de governar de Claudio.



PARA OS MENINOS COLORIREM



Trofonio



# História de um Rei mau

Por A. C. COELHO  
Desenhos de Tiotônio



**E**RA uma vez um rei muito mau, senhor de um grande castelo, situado no alto duma montanha, numa magnífica posição defensiva. Os seus súbditos desejavam a sua morte, mas ninguém se podia aproximar do castelo, porque de dentro, atiravam-lhes pedras.

Quando o rei saía, ia sempre num coche de ferro, ladeado de soldados, prontos a reprimir qualquer ataque, feito por parte do povo. Quando passava, tinham

os súbditos de se ajoelhar, e se algum não cumpria aquele mandato, era preso e infringiam-lhe maus tratos.

Este jugo despótico e cruel, criou no povo uma aversão pelo seu soberano. Num dia em que ele passava no seu coche, viu uma linda rapariga chamada Rosalina, e ficando encantado pela sua formosura, resolveu levá-la para o seu castelo. Mas Rosalina amava um rapaz pobre e muito estimado por todos, de quem muito gostava. Foi chamada à presença do rei, que lhe disse: Gosto muito de ti e se quizeres, faço-te minha esposa. Mas ela não acedia a ser esposa do rei, porque, como disse, gostava mais do seu namorado (que se chamava Antonino). Então o rei, zangado, disse-lhe: Já que não queres ser minha esposa, serás minha escrava e jamais sairás deste castelo. Ao mesmo tempo que se passavam estes acontecimentos, Antonino tinha ido buscar a uma horta uma carga de folhas de couve, para dar aos seus coelhos. Na volta, encontrou o tio Pedro, que lhe contou o que o rei tinha feito à sua noiva.

Na impossibilidade de a salvar, Antonino resolveu aca-

bar com a existencia. Para isso dirigiu-se a uma fonte, que havia próximo da montanha, onde estava situado o castelo.

lá já para se atirar à água, quando ouviu uma voz muito fina que lhe dizia: — Não te mates Antonino, que eu te ofereço um meio de entrares no castelo do rei.

Antonino voltou-se mas não viu ninguém. — Quem sois vós, que sabeis um meio de entrar no castelo do rei? Perguntou Antonino. — Eu, — respondeu a mesma voz, — sou aquele que anda sempre com a casa às costas. Olha para a aboboda da fonte e ver-me-has. Antonino olhou para a aboboda, e viu o senhor caracol.

— Então o senhor caracol disse, o que me dás tu, para que te empreste um meio de entrares no castelo?

— O que te hei-de dar, disse Antonino se não tenho senão esta carga de folhas de couve. — Olha calha-me muito bem, disse o caracol, pois gosto imenso de couve... Então, começou a comer as folhas, e foi crescendo, crescendo...

Quando o senhor caracol acabou de comer era já noite e estava do tamanho dum burro. Antonino montou-se nele, que em seguida se poz a andar para o castelo. Senhor caracol começou a subir as muralhas e, como era de noite, as sentinelas não os viam. Assim chegaram às ameias do castelo. Despediram-se, o caracol foi-se embora e, Antonino ficou no castelo.

Como já disse, era de noite e Antonino resolveu dormir em qualquer parte. De manhã se informaria do lugar, onde retinham a sua namorada.

Andando, encontrou uma casa aberta. Escutou, mas não ouviu nada, porque em casa não havia ninguém. Escutou, e vendo um leito a um canto da casa, resolveu deitar-se.

Despiu-se e adormeceu. Alta noite, o dono da casa, voltando e vendo um desconhecido na sua cama, resolveu roubar-lhe o fato, para o castigar.



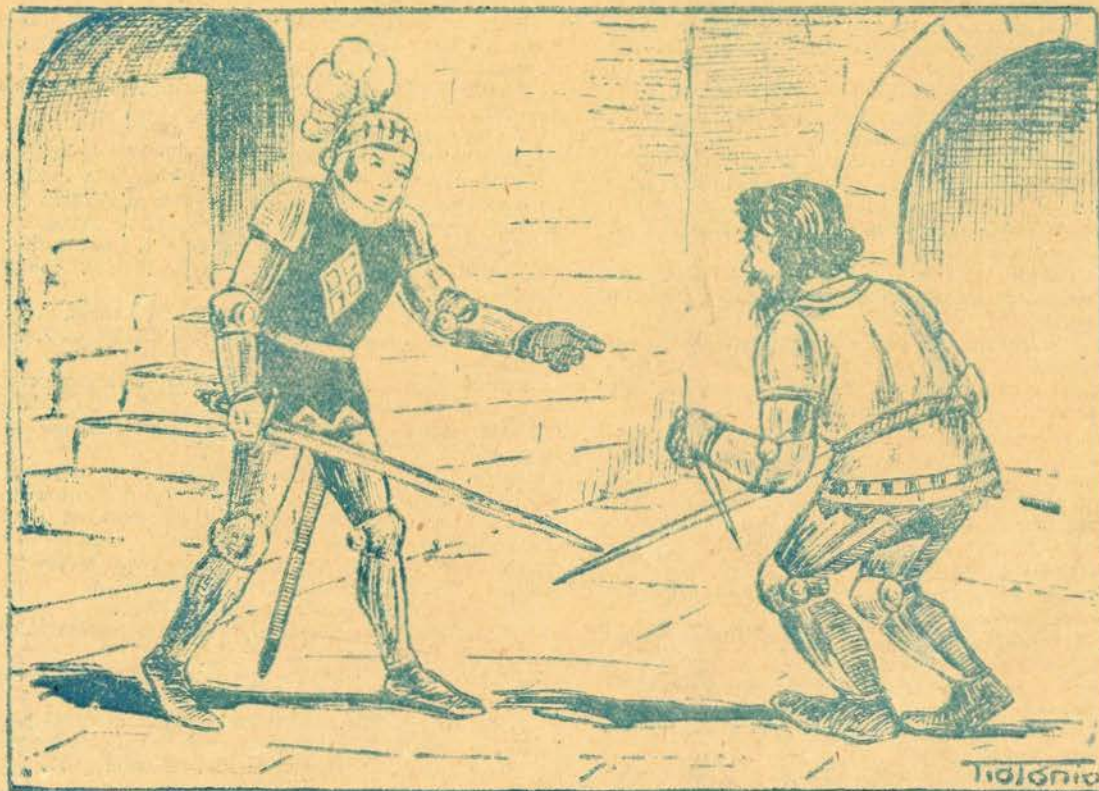
De madrugada, Antonino acordou, e quiz vestir-se, mas não encontrou a sua roupa. Como na casa não havia nenhum fato, e não podia sair sem fato, para a rua, fez um buraco no meio do lençol, enfiou-o pela cabeça, com uma parte para a frente outra para traz e saiu. Na rua, a essa hora, passeavam trez fadas, com uma outra, que tinha enlouquecido.

A fada maluquinha não dizia nada acertado, mas se ao menos dissesse uma coisa acertada, ficaria para sempre boa.

Quando Antonino saía de casa, a fada maluquinha disse para as companheiras: — Aquele homem parece um fantasma!

Desde então, começou a dizer tudo certo. As fadas quiseram recompensar o serviço, que Antonino lhes havia feito

embora involuntariamente. Para isso dirigiram-se a ele e disseram-lhe. Diz-nos o que desejas mais neste mundo que tudo te faremos. Antonino disse-lhes: Eu o que queria era tirar a minha namorada das mãos do rei, e já que estou neste castelo, queria salvar o meu povo. Então uma fada disse: Eu te fado, para que sejas um lindo e bom rapaz, Outra fada disse: — Eu ofereço-te esta espada com a qual seras invencivel. A terceira disse: — Eu te fado para que te cubras com os fatos dum rei, e amanhã já governes o teu povo. Dito isto, desapareceram. Antonino olhou para si e viu-se um lindo rapaz, vestido com os fatos de rei, tendo presa á cintura uma espada. Antonino dirigiu-se para o palacio do rei. A' entrada, os soldados de guarda ás portas do palacio, que eram tão perversos como o rei não que-



riam deixar entrar. Ele sem dó nem piedade matou-os a todos, com a espada mágica. Dirigiu-se aos quartos do rei, que dormia como um justo. Acordou-o e disse-lhe:

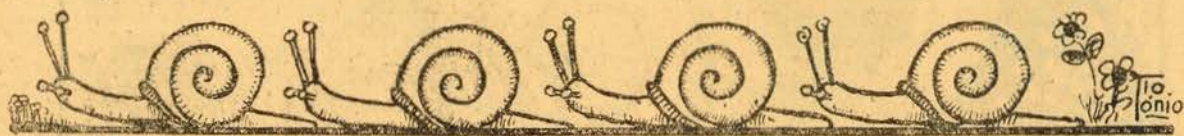
Dai-me a minha noiva e ficareis em paz! O rei começou a pedir socorro numa grande gritaria. Mas fóra era conhecida a notícia de que o Antonino matara os soldados e propunha-se libertar o povo, pelo que os soldados passaram

logo todos para o lado de Antonino. Não tendo ninguém socorrido o rei, Antonino puchou da espada e disse-lhe. Se não és covarde defende-te.

Depois de alguns minutos de combate, Antonino matou o rei e salvou o povo, que depois o elegeu rei.

Casou com Rosalina e foram muito felizes. O povo adorava o seu novo soberano, por causa do seu caracter justiciero.

## F I M



# Correspondencia

**Adolfo Bastos Ferreira** — Muito bem escrita a historia do Rei-Come-Gente, mas falta-lhe o enredo. As histórias de reis e príncipes, já estão muito exploradas e, para se salvarem, necessitam um enredo muito bem imaginado. Um abraço.

**Hermínio Ficta Bento** — Tem um fundo moral, a tua historiazinha da princeza que maltratava os pobrezinhos, mas... os mesmos defeitos da anterior.

**Benjamin aos Santos** — A anedota é já tão conhecida...

**José Rodrigues Cercas** — Só agora li a tua carta. Imagina o que por cá vai! Pedidos de jornais ou livros — Administração d'O Seculo — Rua do Seculo, 43 — Lisboa. Não vi a historia, ou não me lembro dela.

**José do Carmo Valente** — Está interessante, mas é parecida com todas as outras, não querendo dizer com isto que copiasses.

Príncipes desaparecidos, perdidos em florestas, reaparição, casamento... e um regimento de «nénés...» Não fazem isso por menos! Estuda e verás como qualquer dia já fazes historia... de traz da orelha!!!

**Maria L. G. Ramos** — Interessantíssima a sua história. Será publicada num dos próximos números. Está de acordo?

**M. Rocha Ferreira** — A história de tias que enviavam, se não fôsse a pouca variação das figuras, seria razoável. Vê-se claramente que tem muita vocação para o desenho mas como sucede a muitos, trabalha sem método.

Do principio é que se começa.

Os versos precisam umas... muletasinhas por causa dos pés quebrados.

**João A. Dias Pena** — Quando se está na tua idade, até se dedicam versos aos manequins das lojas... Estuda mais um bocadinho e verás que depois ris da tua inspiração de afora. Um abraço.

**Antonio Feliciano da Silva** — Papel sem linhas e tinta da China.

**Daniel Duarte Balha** — Muito boas as palavras cruzadas, mas não trazem o problema desenhado. Só veio a solução. Manda outro.

**Américo Gonçalves** — Não vi na tua carta sombras de palavras cruzadas.

Onde as meteste? Não sou Carloso mas sim Cardoso, como por uma gralha de composição saíu num Pim-Pam-Pam passado.

**Emília Rocha** — Não recebi senão o milhão de beijinhos. Sobre história... nem vestígios.

Podes, querendo, mandar outra.

Devolvo, não um milhão, mas um trilião de beijinhos!

**Antonio Lopes** — O copiógrafo já veio bem explicado. Se o não percebeste bem, pede a alguém mais velho que te informe, pois eu já o fiz por muitas e muitas vezes.

**Antonio Vasconcelos de Miranda** — E's um catita em construções navais, mas pecas pelo mesmo. Tinta da Chiiina!!! Traço tirme!!

**José Gastão C. F. Ferro** — Recebi cá o conto, que para cá me enviaste. Cá a minha opinião é que cá o conto está fraquinho.

Estuda mais e cá ficas no numero dos meus sobrinhos.

**Antonio Evangelista** — Meu amiguinho. As adivinhas são interessantes mas coligidas. Ora nós preferimos originaes. Compreendeu?

**Maria Julia Figueiredo** — Muito bonito o continho, mas dá mais para uma novela de um jornal que não seja como o Pim-Pam-Pum, destinado aos leitores de... bibe e calção. Não se desgoste, porque tem muito talento.

**Hermínio Ferreira Moniz** — Falta-lhe o interesse. Então que é que se casava por arranjar um trem?

De mais a mais agora com tantos taxis...

Deves trabalhar, para te tornares um homemzinho tal como é preciso. Um abraço.

**Pedro Antunes Gaudêncio** — Os artigos para o copiógrafo que ensinei, encontram-se nas drogarias.

E os versos? Precisavam um carrinho de rodas porque estão tão coxinhos... Beuza-os Deus! Que grandes poetas de trazer por casa, que me saíram! Estudem que é o principal.

Sem isso não farão nada.



## DESENHO INFANTIL

POR TIOTONIO

Tem despertado o maior interesse entre as crianças e até nos adultos, os exercícios de desenho, que se tem publicado n'esta secção, não só pela simplicidade com que vão expostos, como pelo método empregado, que torna fácil a compreensão de grande numero dos mais elementares conhecimentos de desenho, que muitos ignoram.

No fim de cada série de exercícios, organizar-se-há como que um concurso, sendo os trabalhos publicados com referencias e critica, com o fim de entusiasmar os jovens artistas.

Dessa forma, serão postas à prova as excepcionais qualidades de composição, que demonstram alguns dos trabalhos já recebidos.

Muitas pessoas julgam que aprenderão desenho copiando gravuras, traço por traço, linha por linha, o mais rigorosamente possível.

E um erro. O trabalho feito, tem realmente um aspecto excelente. São, por exemplo, umas rosas com cores admiravelmente combinadas e sombras bem distribuidas.

Mas coloquem o artista, em frente de um ramo autentico, e ve-lo-hão vacilar, riscar, apagar e por fim desistir de fazer o trabalho.

Está habituado ao cómodo método da cópia e sem ele nada faz.

Porque não se habituou primeiramente, a fazer uma pétala com todo o rigor possível, depois um folha e por fim, uma flôr em conjunto?

Todos os que tem seguido esse errado sistema de trabalho, com a grande vontade aprender, ponham-no absolutamente de parte.

Sózinhos, pelo seu proprio esforço, irão aprendendo encontrando alguma dificuldade ao começo, (o que é naturalissimo) habituando a vista e o cérebro, a representar tudo quanto concebem.

Como na Caligrafia, (desenho de caracteres) uns tem mais habilidade do que outros, sendo raro que dois artistas se eguaem, em traço e maneira de desenhar. O professor não obriga o aluno a cingir-se ao seu traço.

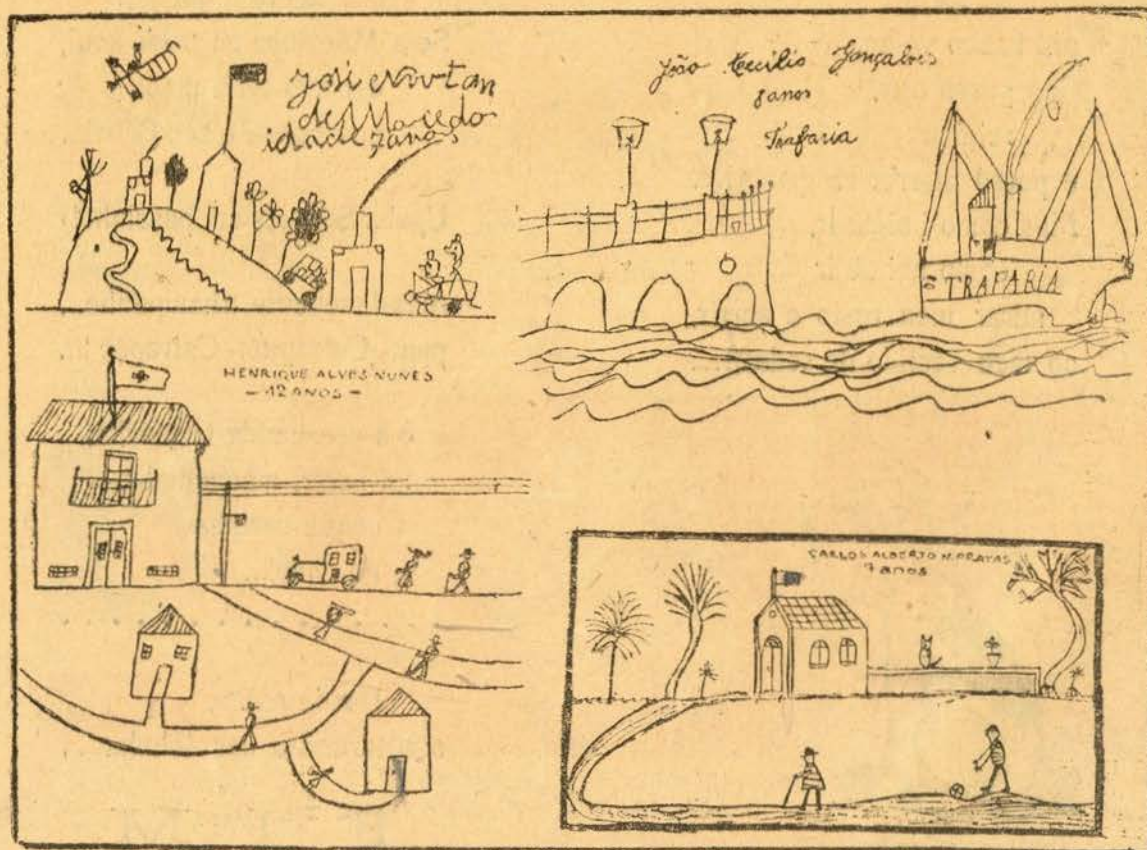
Deixa-o trabalhar e em seguida emenda os defeitos.

As gravuras representam alguns exercicios que tenho marcado, que, como veem, não apresentam nenhuma dificuldade.

TIOTONIO

(Continua)

## Colaboração infantil



# B É B É

## A O

# ESPELHO



Por Graciette Branco

Desenhos de Tiotónio



«Tão alto o espelho!  
Tão alto!...  
se, salto  
pró banco velho,  
posso cair,  
rebolar  
e posso morrer na queda!...  
Mas como hei-de ir,  
como hei-de ir  
mirar meu rosto e sorrir,  
ao meu vestido de seda?!...»



Um pé aqui...  
outro ali  
ai agora, agora é que é...  
Se a Mãezinha entrasse aqui,  
decerto teria medo  
que caísse o seu Bébél!...

Upa!... Só mais um passinho!»

Mas de repente, o banquinho...  
pum--Catrapum--Catrapão !...

e a presumida Guidinha,  
fôï bater, maguadinha,  
com a carinha  
no chão!...

.....

Desde então,  
não tornou a ser tolinha...

F I M